

4º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

16 DE JUNHO DE 2024

MARCOS 4.26-34

1. CONTEXTO LITÚRGICO E TEMA DO DIA

O Quarto Domingo após Pentecostes está inserido no tempo ordinário do calendário litúrgico, ou seja, está fora da quadra festiva. A ênfase desse período é o crescimento da Igreja a partir dos meios da graça e a edificação do povo de Deus pelo ensinamento de Jesus.

Como acontece em todo o tempo ordinário, as leituras do Evangelho e da Epístola são semicontínuas e as leituras do Salmo e do Antigo Testamento são escolhidas para complementar o tema da leitura do Evangelho. Assim, nem sempre há um tema único que perpassasse *todas* as perícopes de um determinado domingo. Um tema possível para este domingo pode ser a proeminência e poder da Palavra de Deus. Palavra esta que tem o poder de tornar o homem bem-aventurado e de fazer crescer um grande reino a partir de pequenas sementes.

2. TEXTOS BÍBLICOS

2.1 SALMO 1

Conhecido como prefácio ao livro dos Salmos, este conjunto de 6 versículos apresenta o conceito bíblico de verdadeira felicidade, ou bem-aventurança. Se normalmente o livro de Salmos é entendido como um livro de orações do povo de Deus, este salmo, bem como o salmo seguinte, não se

enquadra no modelo mais conhecido de oração, por não se dirigirem diretamente a Deus, eles são antes um conjunto de reflexões piedosas e inspiradas que são confessadas na presença de Deus.

O lugar desses salmos como “prefácio” ao todo do livro pode ser defendido se notarmos, assim como Leupold (1969, p. 31), que esses textos refletem sobre dois pilares importantíssimos da espiritualidade do povo de Deus: a Lei (Salmo 1) e a Profecia (Salmo 2). A consideração piedosa desses dois aspectos auxilia o leitor na compreensão de todo o conjunto do Saltério. A Lei dita quais devem ser as aspirações do indivíduo, moldando assim o repertório das súplicas feitas em todos os salmos subsequentes.

O Salmo demonstra o que é uma vida piedosa (e, conseqüentemente bem-aventurada) por meio de um paralelismo de contraste. Na primeira coluna, uma tríade de ações ilustra o que é a impiedade: *andar* no conselho dos ímpios, *deter-se* no caminho dos pecadores e *assentar-se* na roda dos escarnecedores. A segunda coluna, traz tanto a ação como as suas conseqüências: *meditar* de dia e de noite faz do indivíduo alguém que *está plantado* junto a ribeiros de boas águas e que obtém sucesso em tudo o que faz.

Seguindo uma linha de raciocínio muito própria do Antigo Testamento, ou mal ou o bem adentram a vida do indivíduo por meio da sua associação, ou da sua proximidade a ele. Assim como a santidade é uma força intimamente ligada a noções de distância na estrutura litúrgica do Antigo Testamento, a piedade ou a iniquidade dominam tanto quanto se está perto delas. Andar, deter-se e assentar-se com aqueles que praticam a maldade fazem do indivíduo alguém que é semelhante àqueles a quem se associa. Do mesmo modo, o meditar na Lei do Senhor, está atrelado a uma noção de inevitável proximidade com essa mesma Lei. Na linguagem dos salmos é impossível meditar naquilo de que se está distante.

Ler o salmo no contexto litúrgico no qual está inserido, nos leva à conclusão de que a piedade e a bem-aventurança são os resultados da

proximidade entre o coração e a Lei. O poder de transformação do caráter que a Lei tem deve ser mantido em mente durante a leitura e a meditação sobre esse texto.

2.2 EZEQUIEL 17.22-24

A perícopé parece ser um recorte peculiar de uma porção maior da profecia de Ezequiel, por isso, lida de forma isolada, pode oferecer poucas pistas homiléticas. No entanto, quando se mantém em mente que a leitura da profecia foi escolhida pelos editores do lecionário em função da leitura do Evangelho, alguns temas parecem ser iluminados, sugerindo inclusive alguns percursos homiléticos.

O trecho em questão é, na verdade, o epílogo de uma alegoria que ocupa todo o capítulo 17 de Ezequiel. A alegoria em questão é apresentada nos versículos 1 a 10 e explicada nos versículos 11 a 21. Em resumo, essa alegoria trata dos eventos que resultam na destruição da casa de Israel. É importante notar que, a partir do versículo 19, o próprio Deus se apresenta como o autor dessa história, o agente por detrás de todos os eventos da saga de Israel. Num nível superficial vemos reinos poderosos como o Egito e a Babilônia protagonizando os eventos da trama da profecia, mas num nível mais profundo, vemos que é Deus quem se utiliza desses reinos como instrumentos de sua ação.

A profecia contida na perícopé proposta pelo lecionário é uma palavra de esperança dita logo após a promessa de destruição contida nos versículos anteriores. O que os versículos narram é a história da humilhação e subsequente restauração do povo de Israel, mas essa história só encontra seu cumprimento pleno na vida e obra do Messias, cuja crucificação sobre um alto monte cria um refúgio para as criaturas que sofrem pela efemeridade da vida.

2.3 2 CORÍNTIOS 5.1-10 (11-17)

Considerando que a proposta do Lecionário Trienal é oferecer uma leitura quase contínua das epístolas, sugiro que sejam lidos todos os 17 versículos da perícopre, reduzindo assim o hiato entre as leituras de um domingo e outro.

O cerne homilético dessa leitura pode ser localizado no versículo 17 e à luz dele é possível fazer uma leitura mais esclarecida dos versículos que o antecedem. Se o texto original for observado, vale notar que a forma de traduzi-lo impactará diretamente no entendimento do versículo. A primeira metade do versículo diz *ὥστε εἴ τις ἐν Χριστῷ, καινὴ κτίσις*, o que normalmente é traduzido como “assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura”, dando a entender que aquele que está ligado ao Senhor é alguém novo. No entanto, é possível “traduzir” o versículo dizendo “assim, se alguém está em cristo, é nova criação”, conduzindo ao entendimento de que não só a pessoa ligada a Cristo é alguém novo, mas está inserida na nova criação que é a vida que surge a partir da comunhão com o ressuscitado. Considerando que o papel do pregador é também conduzir o seu povo a uma compreensão mais profunda do que significa a nova vida no Senhor, um sermão construído sobre o paralelismo entre a vida antiga e a nova vida pode ser uma forma edificante de lidar com este texto.

2.4 MARCOS 4.26-34

Todo o capítulo 4 do Evangelho segundo Marcos é marcado pela proeminência das parábolas e a perícopre proposta para o domingo contém duas delas, além de uma consideração sobre o uso das parábolas no ministério público de Jesus.

A primeira parábola é a “Parábola da Semente” que pode ser dividida em três momentos distintos: o momento do plantio, a espera e, por último, a colheita. Esses três momentos são distinguidos se observarmos quem é o protagonista de cada um dos movimentos. O *homem* é o protagonista do primeiro movimento, pois é ele quem lança a semente na terra. O trabalho de plantar é sua competência e a natureza, por si só, não pode fazê-lo. O segundo momento, o da espera, envolve também *o homem*, mas a atribuição de fazer a semente germinar e crescer não é sua, a única coisa que ele pode fazer é dormir e acordar, *esperar* que a natureza cumpra o seu papel, mesmo sem compreender como tal coisa pode acontecer. Aqui *a terra* é o agente, tanto da germinação, como do crescimento e da produção. Por fim, *o homem* volta à cena novamente para realizar a colheita daquilo que plantou no primeiro movimento.

A segunda parábola continua com uma linguagem agrária e compara o reino de Deus à semente da mostarda. Essa parábola tem alguns pontos de contato com a leitura da profecia, como, por exemplo, o contraste entre o pequeno e o grande, o frágil e o forte, o isolamento de um alto monte e o abrigo a uma abundância de aves. Essa parábola também replica um pouco da linguagem da parábola anterior, uma vez que nela também existem os movimentos de semear, crescer e o estado final em que se percebem os resultados ou frutos daquilo que foi plantado. Vale notar que ambas as parábolas se referem explicitamente ao Reino de Deus, não sendo necessário procurar demasiadamente por outros referentes.

3. APLICAÇÃO HOMILÉTICA

Para uma aplicação homilética sugiro os três movimentos da primeira parábola de Marcos 4.

Tema:

A incômoda espera.

Objetivo:

Encorajar o povo de Deus em uma vida de esperança tranquila na graça, na bondade e nos desígnios de Deus. Apresentando num primeiro movimento a veracidade da semente (a semente da palavra foi lançada em nossos corações e continua sendo lançada pelos pregadores de Deus); no segundo movimento, incentivando uma postura de resignação e esperança e, por fim, apontando para a realidade escatológica que desvendará plenamente os benefícios da obra graciosa de Deus.

O tema da espera pode ser desenvolvido em duas dimensões: na primeira, uma espera pelo resultado da fé. Muitos pregadores vivem na angústia de não ver “resultado” em sua pregação. Sua criatividade e seus esforços na pregação e no ensino não parecem ter resultado na vida de seus congregados. Para estes pregadores existe a constante tentação de puxar para fora os brotos das sementes com métodos inovadores e uma criatividade selvagem. A consolação para eles deve residir no fato de que a germinação e o crescimento não são resultado de seus esforços, o que não os isenta da tarefa da sementeira.

A segunda dimensão do tema da espera é mais ampla e trata da dificuldade geral do povo cristão com a resignação. A rapidez da vida contemporânea faz com que desejemos respostas instantâneas e que mantenhamos o todo de nossas vidas sob nosso controle. Há uma confiança teórica em Deus, mas que dificilmente perpassa todas as esferas da vida. Se espera de Deus o que *nós* queremos e *no tempo em que nós* queremos. Esse espírito pode ser ilustrado por exemplos exagerados de súplicas possíveis como “Deus, dá-me paciência. *Agora!*” ou “Eu até aceito a tua vontade, se eu souber o porquê”.

Esperar em Deus, consiste primordialmente em reconhecer aquilo que cabe a nós e o que cabe a Deus e contentar-se com o isso. Esse contentamento, no entanto, não pode brotar simplesmente do desejo querer fazer o que é certo,

nesse caso, esperar, mas vem justamente da confiança que obtemos ao contemplarmos, na história, o cumprimento de todas as promessas de Deus. Ou seja, a coragem para esperar não vem do desejo de esperar, mas de ver o que Deus deu aos que esperaram nele.

Sugestão de Roteiro

Primeiro movimento: Lançar a semente

Segundo movimento: Esperar

- A mera consciência do *já/ainda não*, não elimina a angústia da espera, especialmente em tempos de grande ansiedade como os nossos.
- A angústia da espera nos leva a questionar e, por vezes até mesmo a querer intervir de maneira inconveniente. Somos levados a desenterrar as sementes todos os dias para ter certeza de que elas estão germinando. Fazendo isso, não nos damos conta de que podemos estar matando os brotos sensíveis.
- A espera é uma atitude que brota de uma fé confiante. E a fé é resultado de ouvir promessas reais.

Terceiro movimento: A grande colheita

Dionatan Ferreira